

## NARRATIVAS DE VELHOS CEGOS EM SOBRAL-CE

Luciana de Moura Ferreira

Prof. Colaboradora da UVA

Luci\_ana\_moura@hotmail.com

O interesse pela temática proposta surgiu durante a escrita da dissertação do mestrado<sup>1</sup>, sobre a constituição do imaginário e representação da cidade de Sobral-Ce, a partir de memórias desencadeadas pelas fotografias. Ao ouvir os relatos dos narradores percebi a existência de sentimentos diversos em relação a cidade e a constituição de seus espaços de sociabilidade e de vivência. Como informa Pesavento<sup>2</sup> a cidade é obra do homem e pode ser lida e vivenciada de múltiplas formas, destacando que o urbano pode ser (re)elaborado a partir de pensamento e ação, criando assim outras tantas cidades no pensamento e ação, cidades que atravessam décadas e até séculos.

Estudar a cidade, a partir das memórias de velhos cegos, apresenta-se como assunto de relevante importância para refletirmos sobre a construção de imagens sensíveis relativas a cidade. As narrativas coletadas têm, como pano de fundo, suas trajetórias de vida na cidade até o momento em que perdem a visão. Os acontecimentos do passado, que são revelados, nos fazem perceber uma teia formada de experiências, sentimentos e a vida cotidiana na cidade, que nem sempre são considerados importantes por aqueles que podem visualizar os múltiplos cenários, que os rodeiam. Como disse Pesavento<sup>3</sup>: Essa volta ao vivido, esse recordar, vence os limites da temporalidade, pois o passado não desaparece é resignificado, ele ressurgiu como oportunidade de vivenciar sentimentos sobre novos aspectos ou sobre aspectos que pareciam insignificantes.

---

<sup>1</sup> Ferreira, Luciana de Moura. Imaginário e Representação na constituição da cidade: sobral na década de 1940.

<sup>2</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. IN: **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº 53, p.11 a 23.

<sup>3</sup> As leituras da memória; a cidade imaginária de um cronista do sul brasileiro (Antônio Álvares Pereira Coruja e a Porto Alegre do início do século XIX).

Nesse sentido, pensamos em dois elementos constituintes desta pesquisa: a memória dos cegos a partir das suas experiências, que recompõem a cidade, dando-lhe um sentido especial, pois agora só podem vê-la a partir de suas lembranças, e a experiência vivenciada na cidade. Em conjunto memória e experiência significam reviver em uma nova configuração temporal.

Le Goff<sup>4</sup>, citando Le Febvre, destaca que os historiadores fazem falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si só não falam sobre os homens e sobre a sociedade que as produziram, suprimindo as ausências deixadas pelos documentos escritos. Ouvir as narrativas dos velhos cegos, sobre Sobral<sup>5</sup> é adentrar nas memórias que não são vividas e sim resignificadas, a partir do presente. Afinal, rememorar não é viver de novo, é selecionar, é manter relações entre passado e presente, entre o individual e o social, é reatualizar sentidos e construir novas experiências.

Portanto, enveredando por entre as trilhas da história cultural, este trabalho propõe reflexões sobre memória e sensibilidades na constituição da cidade, a partir de um grupo de velhos que, ao perderem, a visão estreitaram seus laços afetivos com ela, visualizada como um objeto de constante (re)elaboração da memória, que flui em tom de narrativas, mas também de forma imaginária.

À primeira vista recorrer aos depoimentos de pessoas idosas se afigura importante, considerando a riqueza das experiências vividas. Entretanto recorrer aos velhos cegos é mergulhar numa dimensão mais reveladora, mesmo levando-se em conta o tratamento que lhes é dispensado nas sociedades contemporâneas. Na verdade, as medidas assistenciais muitas vezes contradizem os discursos proferidos, que os referenciam formalmente, mas as práticas cotidianas revelam a distância mantida, pois a dinâmica dos dias atuais marginaliza o idoso e mais ainda tal contradição se acentua se o tema em análise se voltar aos cegos. Entretanto, neles descobrimos testemunhas valiosas, que melhor nos fazem entender a relação entre o passado e o presente.

Partindo das considerações apresentadas, escolhemos trabalhar com os velhos cegos, por entendermos que suas narrativas sobre Sobral fazem parte de experiências

---

<sup>4</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p.98.

<sup>5</sup> A cidade de Sobral fica situada na zona norte do Ceará, a 232 Km da Capital, Fortaleza.

sociais significativas, constituídas durante a vivência cotidiana na condição de habitantes e trabalhadores da cidade. Se a velhice, vive num tempo do passado, onde o presente nada mais é que espaço de (re)elaboração de experiências e de sentidos do passado<sup>6</sup>, mais ainda a dinâmica de reconstrução de tais atividades se acentua na memória dos cegos. Assim os cegos nos fazem melhor visualizar o que parecia inexpressivo na tradição social elitista, abrindo novas perspectivas de análise das experiências rememoradas.

A trajetória de vida desses velhos partiu de práticas cotidianas simples, como trabalhadores, moradores de bairros periféricos e acometidos pela cegueira durante a velhice, o que além das restrições habituais, que lhe são impostas, a idade os levou a viverem em reclusão dependendo de cuidados de outros, ou mesmo em abrigos. Sem apresentarem condições de uma continuidade em sua vida profissional e social, só lhes resta exercerem seus papéis de cidadãos sobralenses, através da (re)memoração das suas práticas cotidianas na cidade, o que para eles tem duplo significado: manterem-se presentes na cidade e, mais que isso, encontrarem sentidos para o cotidiano em que se encontram submersos.

Segundo Benjamin<sup>7</sup>, “o importante para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido da sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência”. E a cidade, para os velhos cegos, passa a constituir-se a partir dos significados de suas experiências e sentimentos despertados pelo ato de lembrar. Para eles, a memória é a forma que encontraram de permanecer na cidade, afinal segundo, Bobbio<sup>8</sup>, na velhice cada dia significa um dia a menos e a certeza da inexistência do futuro.

Nesse sentido, pensamos ser necessário entender os processos de construção da cidade a partir do imaginário dos velhos cegos, para compreender como a cegueira desencadeou neste grupo as suas memórias sobre a cidade, partindo dos papéis sociais que cada um assumia como habitante urbano e como essas experiências foram transformando o imaginário sobre Sobral, nas narrativas apresentadas.

---

<sup>6</sup> BOBIO, op. cit. p.17.

<sup>7</sup> Benjamin, Walter. A imagem de Proust. In: Benjamin, Walter. **Obras escolhidas**, vol. 1, Brasiliense: São Paulo, 1985, p. 37.

<sup>8</sup> BOBBIO, op. cit. p, XXVIII.

A memória é parte constituinte do imaginário, a capacidade de rememorar é uma forma de significar um 'ausente', de presentificá-lo na vivência cotidiana, através do cruzamento de sentidos e experiências. Rememorar, não é apenas voltar ao passado, é trazer a tona sensibilidades adormecidas pelo tempo, é questionar, a partir das experiências do presente os sentidos do passado, é a possibilidade de reavaliar e vivenciar novas experiências.

Nesse sentido pensamos ser possível, através das narrativas dos velhos cegos, percebermos como se processaram suas experiências de vida na cidade de Sobral, compreendendo como se relacionavam com seus espaços de sociabilidades e quais sentimentos mantinham em relação à cidade. Em tal perspectiva, esses agentes, nem sempre reconhecidos, nos revelam outras modalidades de visualizar o urbano, indicando o alcance metodológico do imaginário para a compreensão do social.

A velhice em si só é um fato que leva a realização de uma (re)memoração das experiências. Afinal, segundo Bobbio<sup>9</sup>, velhos vivem no tempo passado. Partindo desse aspecto, pensamos ser possível compreender como a doença alterou a relação deles com a cidade e como a partir da cegueira passaram a vivenciar a cidade e constituíram o imaginário que detêm sobre ela.

A arte de imaginar traz à tona imagens e discursos, sobre o passado, pois faz emergir sentidos e experiências plurais, dotando-os de nova temporalidade instituída por aqueles que (re)memoram.<sup>10</sup> Na trajetória elaborada, o objetivo básico do presente projeto se afigura como uma possibilidade de entender como a concepção de tempo foi constituída a partir da cegueira e como ela interfere na construção das narrativas sobre a cidade, levando em consideração dois momentos distintos: as suas narrativas enquanto trabalhadores ou participantes do processo e, após a cegueira, na condição de observadores da cidade.

Partindo das considerações relacionadas anteriormente, adentramos na literatura historiográfica, que discute a nossa temática. Nesse sentido, direcionamos nossa análise para o campo das discussões travadas em relação à velhice: a construção

---

<sup>9</sup> BOBBIO, op. cit, p. 14.

<sup>10</sup> PESAVENTO. Op. Cit, p. 4.

de um imaginário acerca da cidade e de suas relações com, esta a fim de manterem-se inseridos na sociedade, da mesma forma que categorizam o tempo em ‘no meu tempo’ e ‘o tempo de hoje’, construindo uma narrativa de sentidos e vivências desencadeados pelo trabalho da memória.

Partindo desse encadeamento de idéias, destacamos a importância que a memória dos velhos vem ganhando no âmbito acadêmico, através da História Cultural. Dessa forma destacamos a confirmação de Bosi: “o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função do unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens”<sup>11</sup>. Portanto, é necessário, para o entendimento da função da construção do seu imaginário, compreender como a memória trabalha, dando um sentido de continuidade a sua existência na cidade, destacando, como é comum, o controle dos idosos por outros mais jovens ou mesmo por estabelecimentos públicos, como abrigos e hospitais, principalmente nas particularidades dos velhos por nós entrevistados, ou seja, cegos.

No campo da História da Cultural, reconhecemos seus limites e possibilidades. A abordagem temporal torna-se essencial, ainda mais por reconhecermos que a memória trabalha num sentido de (re)atualização das experiências e fatos narrados. Nesse sentido, pensamos tempo social que se constitui a partir das experiências do indivíduo dentro de diversos grupos sociais<sup>12</sup>.

Acreditamos que os trabalhos da memória se desenvolvem num ir e vir constante, entre temporalidades diversas, que se tornam pontos demarcadores para o indivíduo que as vivenciou e as lembra. Destacamos o caso da memória dos velhos que em suas narrativas apontam seus pontos de referência temporal, como o primeiro emprego, o dia do casamento, entre outros. Essa construção de referências temporais na narrativa aponta para a questão da relevância que fatos cotidianos e particulares assumem ordenando o tempo e a memória.

Nesse propósito recorreremos ao conceito de imaginário. Pensando-o a partir de suas relações com a memória, no imaginário tocante à cidade, suas relações sociais e

---

<sup>11</sup> BOSI. Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças dos velhos. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.82.

<sup>12</sup> BOSI. Op. cit. p.418.

significados, constituídos pela memória. Entendido, portanto, como um conjunto de “imagens” e idéias de representação, construídos pelo homem para dar significado e sentidos à cidade. Ela passa a ser pensada como uma construção social, a partir do que pensamos, sentimos e vivenciamos. O imaginário existe em função do real e do social, uma composição de representações sociais que existem ao serem construídas por aqueles que a vivenciam.<sup>13</sup>

Em tal perspectiva, os trabalhos dos historiadores assinalados assumem importância por ressaltarem o imaginário como experiências e sentidos, construídos socialmente pelos indivíduos. Eles enfocam a constituição da cidade como um espaço plural de sentidos e significados, pautando valores e condutas, que se vão entrecruzando e construindo a diversidade de “viver” na cidade. Outras abordagens instituem o imaginário como campo profícuo para o entrelaçamento de discursos e representações que se entrecruzam e se (re)elaboram dando um sentido transdisciplinar a história.

A ligação da história cultural com o imaginário configura uma relação sensível, que é representada por sentimentos, experiências, discursos e representações. Associada à cidade, imaginário é revelador de sociabilidades e sensibilidades, construídas entre os indivíduos, suas experiências e memórias, a partir das quais irá constituir-se um campo profícuo à percepção da multiplicidade de sentidos que a cidade apresenta, para os velhos cegos.

Seguindo essa discussão, devemos ressaltar um aspecto sensível da pesquisa: o conceito de memória. Como já anunciamos, anteriormente as memórias sobre a cidade de Sobral assumem um caráter peculiar, no que se refere à instituição de uma tradição da cidade como espaço moderno, de intensa vida cultural e social, uma cidade monumentalizada através de sua arquitetura e espaços que anunciam e fazem imaginar e sentir a intensidade da vida social.

No entanto, essa “tradição” não é compartilhada pela memória dos velhos cegos da cidade, os quais silenciam em suas narrativas a existência de espaços

---

<sup>13</sup> Pesavento, Sandra Jatahy. História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. IN: **Narrativas imagens e práticas sociais**: percursos em história cultural. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008. p. 13-14.

tradicionais na história oficial da cidade, nem fazem referências à vida social intensa da cidade, tão divulgada por meio de jornais, livros e mesmo pela arquitetura da cidade, mas apresentam uma outra cidade, que não está inscrita nas ruas, nem mesmo nos discursos e representações produzidos sobre cidade, mas que ecoam e ganham siluetas a partir das experiências e vivências de cada depoente.

Como afirma, Bosi a memória dos velhos é uma forma de dá continuidade a uma vida fragilizada pela velhice e cegueira: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.”<sup>14</sup> Narrar significa, para os depoentes, ressignificar suas experiências, manter-se presente na cidade, lembrar o passado é reinterpretar as experiências, tendo como base o passado, que é transformado, dando-lhe novos significados, sentimentos, experiências, constituindo uma nova forma de ‘viver na cidade’.

Destacar a memória como processo de (re)significação da cidade é também chamar a atenção para a pluralidade de imagens sobre ela constituídas. A memória, como função social de um indivíduo ou grupo social, possibilita compreender como os velhos interpretam e se mantêm presentes na cidade. Apontando através de suas narrativas, a existência de uma nova forma de sociabilidade instituída a partir de grupos a que estiveram ligados nas situações particulares da vida de cada um, a perda da visão, as práticas sociais nos permitem delinear as teias que os prendem à cidade. Da mesma forma as narrativas refletem a tática que usam para sentirem-se ainda ligados a ela, a partir da instituição de identidades que se instituem relativas a suas experiências na cidade.

Logo, partimos das discussões travadas e as associamos ao conceito de memória social, de Bosi. Segundo ela, a memória não é sonho, mas trabalho. Podemos afirmar que o ato de compartilhar memórias, é um trabalho que institui relacionamento entre os indivíduos. Alicerçadas em experiências comuns, elas conduzem à ação. Logo, a memória compartilhada é uma forma de manter controle sobre o tempo, vivendo-o

---

<sup>14</sup> BOSI. Op. cit. p. 55.

plenamente, como mola propulsora da ação, constituindo estratégia valiosa nestes tempos em que não se sabe mais escutar ou vivenciar as experiências de outrens.<sup>15</sup>

Essa memória, compartilhada na modernidade em que estamos inseridos, nos leva a delinear círculos de relacionamentos nos quais é possível identificar aspectos do passado, envolvendo participantes diversos, pertencentes a uma situação- velhos e cegos- e a um mesmo espaço social, habitantes de Sobral.

Para autora, os trabalhos com memória são formas de dar voz àqueles que foram silenciados na história oficial, estratégias de manter vivos experiências e sentidos de uma geração, de vidas construídas a partir de práticas, de dar continuidade e espaço, na sociedade moderna, que não tem tempo de ouvir e perceber a velhice como um fim em si, considerando-a um momento de inaptidão, de lentidão e de idéias ultrapassadas, de perda de tempo.<sup>16</sup>

Relacionando o trabalho da memória com a evocação imaginária dos velhos sobre a cidade, entendemos que é a partir das narrativas, da compreensão das trajetórias de vida dos depoentes, que desvelaremos a cidade de Sobral, a qual silencia as experiências daqueles que não compartilham da sua história oficial.

No que se refere aos estudos em âmbito nacional sobre a temática, ressaltamos que, embora o trabalho com memórias seja algo comum, não encontramos referências a trabalhos com a memória de velhos cegos sobre a cidade, exceto Eclea Bosi, que referencia nosso trabalho.

Desconhecemos estudos com memórias de cegos inseridos na história. No entanto, são profícuos os trabalhos nas áreas de psicologia social, antropologia e ciências sociais, dos quais podemos destacar: o de Myriam Moraes Lins de Barros<sup>17</sup>, Velhice ou terceira idade: Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política?

---

<sup>15</sup> BOSI, op. cit. p. 44.

<sup>16</sup> BOSI, op. cit. p.60.

<sup>17</sup>

A nível regional, podemos citar Gisafran Nazareno Mota Jucá, em *A oralidade dos velhos na Polifonia urbana*<sup>18</sup>, trabalho revelador em que discute a cidade de Fortaleza na visão dos idosos. Partindo da constituição social da velhice na sociedade moderna, ele ondeia as experiências do grupo entrevistado no cotidiano citadino. É interessante destacar que o autor institui a velhice como experiência, percebendo as memórias de velhos como um trabalho sensível de percepção e constituição do cotidiano, a partir de suas práticas e sensibilidades.

Em Sobral existem alguns trabalhos onde as memórias sobre a cidade são abordadas. No entanto, priorizam outras fontes e metodologias, e a presença de velhos não é caráter definidor da pesquisa. Dentre eles podemos citar: Chrislene Carvalho dos Santos, *Sentimentos no sertão republicano: imprensa, conflitos e morte – a experiência política de Deolindo Barreto (Sobral 1908-1924)*<sup>19</sup>, onde destaca a partir da memória a trajetória política de um político local, contextualizada na cidade de Sobral. No entanto, o trabalho com a memória não é a parte mais relevante dessa obra, mas torna-se valioso, por revelar a constituição da cidade e de suas tradições.

Ainda, abordando este aspecto local, encontramos Nilson Almino, *Sobral Opulência e Tradição*<sup>20</sup>, onde aborda a cidade a partir da instituição da memória da elite, discutindo o surgimento do sentimento da ‘sobralidade’, na população, a partir da memória dos habitantes, dos lugares de memória. O livro será relevante para a pesquisa, por referenciar uma memória construída sobre a cidade, que difere da memória espontânea dos velhos cegos.

A partir dos conceitos de memória social e imaginário social pretendemos dar voz aos cegos, novos agentes do espaço urbano, que nos fazem ver outras “estratégias e táticas”<sup>21</sup> nos “caminhos da cidade”.

No desenrolar das questões discutidas, adentramos nos pressupostos metodológicos para o andamento da pesquisa. Fazemos uso da História Oral como

---

<sup>18</sup> JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa universitária, 2003

<sup>19</sup> Santos, Chrislene Carvalho dos. **Sentimentos no sertão republicano: imprensa, conflitos e morte – a experiência política de Deolindo Barreto (Sobral 1908-1924)** / Campinas, SP : [s. n.], 2005.

<sup>20</sup> FREITAS, Nilson Almino de. **Sobral Opulência e Tradição**. Sobral: UVA, 2000.

metodologia, por compreendermos ser ela fator capaz de contribuir nos entendimentos sobre a relação passado e presente, em âmbito social. No nosso caso, damos destaque à constituição de um imaginário sobre a cidade de Sobral, a partir das narrativas de velhos cegos, sobre suas experiências na cidade, como trabalhadores e habitantes, ressaltando a transformação ‘da cidade’ ao serem acometidos pela cegueira. Nesse ponto, tomamos a história oral como direcionamento para o desenvolvimento da pesquisa.<sup>22</sup>

As narrativas constituem, assim, o objeto principal da pesquisa, apresentando um caráter essencial em relação à problemática apresentada. Através das narrativas, percebemos a possibilidade de desvelarmos as relações que entremeiam as percepções dos depoentes sobre o meio social, suas trajetórias e as sensibilidades despertadas pelo trabalho da memória.

Ao pensar memória como trabalho, logo as narrativas serão questionadas ou entrecruzadas com outras fontes. Já que na configuração da temática proposta não estamos buscando a veracidade dos relatos, mas a instituição de um imaginário acerca da cidade e de suas práticas e vivências<sup>23</sup>. A memória é por nós compreendida, como um ir e vir atemporal nas lembranças, onde as experiências são resignificadas pela ação do presente sobre as experiências, uma (re)significação do passado no presente, tecendo sutilmente um imaginário em torno da cidade.

Ressaltamos que a história oral muitas vezes é utilizada como complemento para o entendimento de silêncios instaurados em outras fontes. Entendemos ser ela uma proveitosa fonte para a compreensão da história a partir do seu entrelaçamento com as subjetividades, análise das narrativas para percepção de conteúdos silenciados. Assim, a história oral se revela profícua na percepção da história de Sobral, que tem uma vasta produção historiográfica, mas escassa quando se fala de história não oficial.<sup>24</sup>

As memórias, como forma de (re)elaboração de experiências e sentidos, apresentam a capacidade de revelar as relações sociais estruturadas em outra

---

<sup>22</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; Casa de O. Cruz; CEPDOC; FGV, 2000.

<sup>23</sup>

<sup>24</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007. p.24.

temporalidade, e às vezes inexistente nos registros escritos. Ela materializa um imaginário coletivo sobre a cidade, que é uma oportunidade de entendermos como ela se materializa nas narrativas dos depoentes.

Minha mãe inviuvou, ficamos só nós, três irmãos e minha mãe, ficamos no meio do mundo, ela pedindo esmola pra me dar comer. A cidade não tinha praça não, não tinha nada, nós vinhamos pra feira, era ali na coluna da hora, era tudo lá, comida, bicho, tudo(...) no natal a mãe trazia nós pra missa... aí eu comecei a trabalhar, buscava água na casa do pai, pra ajudar minha mãe. Ela inviuvou, nós fomos morar na casa do meu tio perto do cabaré...<sup>25</sup>

Ao enfocarmos as narrativas para a área da história oral de vida, encaramos a ideia de que elas servem como estruturas de entendimento do funcionamento social, onde o indivíduo é valorizado em prol da compreensão das transformações sociais ou mesmo continuidades. Valorizamos a sensibilidade e as sociabilidades existentes nas narrativas dos depoentes, onde a vida na cidade parte da infância, ressaltando as dificuldades e suas trajetórias em meio ao desenrolar da vida na cidade.

Lembrando-se de suas trajetórias de vida na cidade, os velhos redimensionam suas experiências, apresentando como elas foram sendo constituídas como processos específicos, onde a cidade revela-se como pano de fundo da sua trajetória. A temática da pesquisa propicia a valorização das trajetórias de vida por serem elas fatores significantes na compreensão de Sobral no imaginário dos velhos. Essa significância se apresenta ao denotarmos que o grupo de entrevistados está ligado à classe trabalhadora da cidade, a qual não está presente na constituição da historiografia local.

Nesse sentido, as narrativas direcionadas à vivência nos espaços da cidade, partindo da infância, desde as brincadeiras até à chegada ao trabalho, a constituição de família, ressaltando os espaços de sociabilidade e as formas de lazer adotadas por eles, até chegar o momento em que foram acometidos pela cegueira, detendo-nos nas formas como passaram a viver a cidade, após a doença.

Destacamos, em especial, a forma como vivem a cidade e seu cotidiano após a cegueira, já que a visão sobre a cidade ganha um novo sentido. Afinal, os usos que passam a fazer dela transformam-se. Partindo das trajetórias de vida, encerramos

---

<sup>25</sup> Narrativa de Antonio Torres de Gomes, 86 anos. Marceneiro. Entrevista realizada em agosto de 2009.

nossas discussões em torno da constituição das práticas sociais, as quais não sendo documentadas suas possíveis de análise e estudos, a partir das memórias. Sendo considerado como contato com a cidade, damos as primeiras lembranças o caráter de evento fundador ligados a visão de mundo construídas por eles, entre suas experiências e formas de viver a cidade, que ganha nova dimensão com a chegada da doença.

Eu morava em Santarém, quando perdi as vistas pela primeira vez tava andando de bicicleta, parei com medo de cair, num conseguia ver nada! Minha cunhada que morava perto me viu e me deu cachaça alemã, melhorei um pouco e a vista voltou(...) Na segunda vez que a tontura veio, as vistas foram e não vi mais nada! Meu filho brigava comigo, minha mulher não queria andar comigo na rua porque dizia que só dava trabalho, resolvi voltar pra Sobral, era meu lugar, minha cidade, aqui que eu queria ficar, comprei a passagem e vim embora pro meu lugar. Eu sempre quis voltar pro meu lugar...<sup>26</sup>

A transmissão oral possibilita a compreensão de sentimentos e a (re)elaboração dos sentidos, a partir das narrativas, onde também ocorre a socialização de experiências e sentimentos desencadeados pelo trabalho da memória. Logo, nossa preocupação passa a ser o direcionamento das narrativas, para a compreensão da cidade e da importância do ato de lembrar o espaço em que estão inseridos os depoentes.

A cidade apresenta-se como espaço de sociabilidades, espaço de transformação, sonhos e desejos. No caso de nossa pesquisa, em especial dos depoentes, a cidade apresenta-se como forma de inseri-los no mundo social e do trabalho; andar pela cidade, frequentar os espaços de lazer ou de crença, instituí-la como parte integrante dá sua vida, fato que se transforma quando a velhice chega e junto com ela se instaura o controle das ações e dos usos sobre a cidade.

A cegueira, associada à velhice, leva a uma privação da vida na cidade, que passa a ser controlada, com hora de comer, dormir, acordar, com felicidades fugitivas de ter alguém 'pra contar' suas histórias, de levar a um pequeno passeio. E o vazio gerado pelo agora o impede de exercer suas atividades como profissionais ou mesmo de ir aos lugares que gostavam de frequentar. São esses alguns dos fatores que tornam suas narrativas uma forma imaginária de pertencer à cidade, de exercê-la, pois é através do lembrar que a (re)atualizam, que dão a ela cores e sentidos, antes pouco apreciados. É

---

<sup>26</sup>Narrativa de José Pedro Melo, 76 anos. Vigia. Entrevista realizada em agosto de 2009.

através das narrativas que vão processando o seu cotidiano, vão voltando a exercer papéis na cidade.

Agora, já num saio passo o dia aqui! As veis minha fia, mas veia, ela gosta muito de mim! Ela leva eu pra passear, as pernas já tão dura, passo o dia aqui deitado na rede, né? Mais ai, quando eu vô, volto já melhor, andando segurado no braço dela. Gostava muito de passar, todo sábado ia pro cabaré, sambar e tomar umas cachaça, de dia ia pro mercado, di noite ficava na praça. Queria viver na minha casa, mas eles num deixa, porque to cego! E ai eu fico aqui, pensando lembrando do passado! O que sinto mais falta na vida é das minha vista, porque eu podia sair por ai...<sup>27</sup>

A liberdade de vivenciar a cidade e suas práticas foi ceifada com a velhice, sendo então o ato de lembrar uma das formas encontradas de dar continuidade a sua existência na cidade. As pequenas relações com ela mantidas, após a cegueira, apontam para um desejo de fazer-se presente nela, fato que é favorecido pelo enlaçamento das experiências do passado e pelas experiências atuais, quando ainda percebem a cidade como espaço profícuo para desencadear suas lembranças e a vida cotidiana.

O trabalho, com trajetórias de vida, não deve, esquecer de lembrar como alguns espaços e características da vida cidadina não aparecem nas narrativas, ou seja, são silenciados. Devemos por isso, compreender que a memória de alguns eventos são insignificantes para os depoentes. Esse silenciamento está diretamente ligado aos usos e sentidos que festas, ou mesmo práticas da cidade, não faziam parte do cotidiano e das sociabilidades desse grupo.

Podemos observar, durante o contato com as narrativas, que nos entrevistados, a maior parte constituída de trabalhadores, os espaços de tradição da cidade são silenciados, ou quando citados aparecem como local de trabalho. A presença constante do mercado, das feiras, e igrejas, nos leva a entender que estes eram os espaços de sociabilidade mantidos por eles. Além desses, ainda existem os espaços considerados ‘impróprios’, os quais as vezes são omitidos, não por esquecimento e sim por serem inadequados, como nos apresenta a seguinte narrativa:

(...) num tinha muito coisa não, a gente ia pra missa, pra feira, ficava andando pela cidade! Posso falar mesmo do que gostava? Tem certeza? Eu gostava era

<sup>27</sup> Narrativa de Antonio Torres de Gomes, 86 anos. Marceneiro. Entrevista realizada em agosto de 2009.

de ir pro cabaré, dançar a noite toda cum as muié! Elas gostava da gente, e dançava e bibia, era uma maravia! (...) Praça num gostava não! A praça São João aquela do tiatro, sabe? Ela era dividida no mei, dum lado só ficava 'os branco', lá tinha uma radiadora que ficava tocando, era do seu Falber, e do outro ficava nois os pobre, tinha os guarda que tomava conta, se os pobre quisesse se misturar cum os brancos eles ia lá e num deixava. Por isso eu num gostava de lá, prifiria era ir pro Cabaré, dançar a noite toda...<sup>28</sup>

Ressaltamos a importância dos detalhes minuciosamente apresentados nas narrativas. A riqueza desses detalhes se constitui a partir do relacionamento travado entre pesquisador e narrador e lembramos que a proposta da pesquisa foi apresentada aos entrevistados, e que a mesma foi lida em voz alta, e eles puderam intervir e até complementar suas falas, apresentadas anteriormente, sendo então autorizadas para uso.<sup>29</sup>

A seleção dos depoentes foi realizada a partir da residência deles na cidade de Sobral, assim como a situação de serem idosos e terem perdido a visão. Outro elo que liga o grupo de entrevistados é o fato de serem trabalhadores ou habitantes humildes da mesma. Portanto, a pesquisa parte fundamentalmente da memória dos velhos, também por compreendermos que são eles os mais adequados a narrar a cidade, por já não mais terem compromissos sociais, vinculações políticas e desligados de ideologias fundantes das tradições e discursos da cidade.

Assim, teremos como principal fonte as narrativas sobre a cidade. No entanto, queremos destacar que a consulta a outros materiais, tais como jornais, literatura e imagens será realizada a partir da necessidade de elucidação ou aprofundamento de questões colocadas pelas narrativas. No entanto, reafirmamos, a proposta inicial da metodologia de desenvolvimento deste trabalho que apontava para a viabilidade da pesquisa apenas com as narrativas de vida. Afinal o que buscamos com a pesquisa não é uma 'verdade' sobre a cidade mas a constituição da cidade a partir do imaginário dos velhos cegos.

---

<sup>28</sup> Narrativa de Antonio Torres de Gomes, 86 anos. Marceneiro. Entrevista realizada em agosto de 2009.

<sup>29</sup> Destacamos, ainda, que por tratar-se de trajetórias de vida, alguns nomes citados pelos depoentes foram substituídos, para garantir a inexistência de situações constrangedoras para ambas as partes.

